

BIBLIOGRAFIA

UM NOVO DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA

A Editôra Enke, Stuttgart, lançou em 1955 um novo dicionário de Sociologia, "Wörterbuch der Soziologie", do qual são os organizadores responsáveis o Dr. Wilhelm Bernsdorf e o Professor Dr. Friedrich Bülow. Nas 640 páginas de verbetes, colaboraram cerca de 80 autores, na sua maioria das gerações mais novas de cientistas.

Os dicionários (tal como acontece com os manuais) não representam, para a ciência da esfera cultural alemã, produtos surgidos como peças casuais na engrenagem científica. Pelo menos costumam ter significado diverso do que assumem nos Estados Unidos ou no Brasil, onde freqüentemente não constituem senão instrumentos de ensino. É verdade que também não falta às realizações alemãs neste terreno o intuito didático. Contudo, êsse não é o verdadeiro sentido da criação de tais obras. Ao contrário, os dicionários aparecem na literatura científica alemã quando se sente a necessidade de fixar o estágio a que chegou a ciência, fazer o balanço do saber naquele momento e torná-lo claro, imprimindo-lhe forma simples e prática. Concentrando-se o saber de forma clara, através dêsse recurso artesanal, espera-se com isso que êle possa servir de ponto de partida relativamente homogêneo para uma atuação mais fecunda no futuro.

Ponto de partida da crítica

Uma publicação dêsse gênero depara com certas dificuldades surgidas do esforço de corresponder às expectativas com que é recebida. Mesmo que os organizadores Bernsdorf e Bülow não tivessem, na dedicatória e numa observação do prefácio, ressaltado que o atual trabalho não pretende ser o sucessor do "Handwörterbuch der Soziologie", de Vierkandt, sempre se teria em mente, qual modelo involuntário de apreciação, essa última obra. Tal fato representa, na realidade, dura prova de resistência, porquanto a publicação de Vierkandt, datada de 1931, é uma das realizações máximas da ciência alemã da primeira metade do século. O balanço do saber da jovem ciência em 1931, em surto laborioso e em plena formação, foi realizado com êxito quase completo mercê da direção de um espírito de inspiração filosófica que se propôs a dominar a ciência. O resultado foi uma síntese de saber no campo da Sociologia: a multiplicidade das intelecções, nos mais variados campos de interesse, é animada, em tôdas as páginas, pela unidade de uma visão realmente sociológica. O mestre soube distribuir de tal forma os vários territórios especiais no "globus intellectualis sociologicus" que êste se tornou acessível, quase por completo — segundo o estágio da ciência de então — às andanças do viajante, com apenas umas poucas zonas inexploradas. A elaboração dos vários temas foi atribuída a homens que sabiam desdobrar todo o vigor de seu saber nos respectivos campos de sua especialidade. Inserindo na

obra análises próprias, acrescentou a ela não somente peças de um trabalho científico de primeiríssima ordem, como também lhe deu equilíbrio e fez dela uma síntese de relevância sistemática, inspirada pelo seu espírito unificador, graças à seleção da temática e à redação coordenadora daquele mosaico de colaborações. Vierkandt conseguiu insuflar à estrutura da obra, imposta pela colaboração, a marca distintiva de um estilo, o que elevou o livro a um nível superior. Um "precursor" desse calibre representa, na realidade, uma força ameaçadora aos expoentes da geração seguinte a quem cabe a sucessão.

Contudo, diga-se desde o início que Bernsdorf e Bülow se propuseram editar apenas um "dicionário" e não um "manual" que visasse tornar claras as linhas fundamentais da sistemática do saber. Um dicionário, enquanto dicionário, tem por objeto esclarecer o significado da terminologia de uma ciência; no caso, não lhe cabe a exposição das idéias diretrizes e fundamentais do sistema sociológico, idéias que representam o grau de desenvolvimento da Sociologia atual, mas apenas a elucidação da terminologia essencial, especializada.

Todavia, este objetivo mais modesto, evidente já no título, mas ainda no prefácio da obra, não impede que ela seja considerada, se não como manual, pelo menos como dicionário conceituado segundo critérios extraídos da realização de Vierkandt.

Do exame — neste sentido, de grande relevância — não convém excluir, e nem se deve fazê-lo, o critério provisório de até que ponto a disposição e a execução da obra correspondem às regras elementares de confecção, isto é, as questões relativas ao princípio em que se baseia o Dicionário, seu caráter sistemático, a apresentação mais ou menos completa da terminologia, o conteúdo mínimo dos verbetes, etc. Qualitativamente, a verdadeira questão é, em seguida, verificar em que sentido o Dicionário apresenta qualidades que ultrapassam as exigências mínimas. Na parte final tentaremos destacar alguns traços particularmente característicos da obra do ponto de vista da ciência sociológica de nosso tempo.

Exigências mínimas

1. Os objetos formal e material da Sociologia foram elucidados, de maneira clara, por Bülow nos respectivos verbetes (Sociologia, social). A concepção por ele apresentada é a universalmente reconhecida. O *objeto material* é a vida social (em oposição à vida individual) do ser orgânico. O *objeto formal* são as "formas e manifestações de mudança da convivência".

Uma reflexão segundo o ângulo determinado por esta definição, bem como pelas pressuposições teóricas da Sociologia como ciência, permite verificar facilmente se foi abrangido o vocabulário dos ramos sociológicos essenciais.

O caráter social não é privativo do ser humano, mas estende-se também ao mundo vegetal e animal. Esse ponto de vista foi respeitado nos artigos sobre a Sociologia vegetal e animal, embora os respectivos comentários sejam apenas marginais. O dicionário põe toda a ênfase na Sociologia Humana, da qual vários setores (problemas sociais, ecologia, problemática racial e cultural, problemas de comportamento social, teoria das instituições, complexo de socialização do indivíduo) foram devidamente considerados. Mesmo que se percorra o território da Sociologia segundo outros critérios, como os da Sociologia especial (teatro, esporte, arte, religião), ainda assim se pode verificar que a seleção dos termos é satisfatória.

Ademais, o Dicionário vem de encontro a necessidades que dizem respeito aos princípios teóricos e às condições básicas da Sociologia como ciência. Mencionam-se conceitos filosóficos gerais que desempenham certo papel na Sociologia (tais como função, substância, espírito), bem como os recursos conceptuais específicos representados por vocábulos como camada social, distância social, relação social, etc. Tampouco faltam informações a respeito da terminologia relacionada com as técnicas de trabalho e o método da Sociologia. O leitor verifica com satisfação o espaço concedido aos verbetes que situam a Sociologia no âmbito das ciências afins. Desta forma, no relativo a "ciências sociais" (p. 491), a Sociologia, como "ciência dos processos, relações e estruturas sociais como modos de manifestação do ser social", é diferenciada (p. 493) da Psicologia, da Biologia, de Economia, da História e da Filosofia Sociais. E, através de muitos comentários da obra, se patenteia o esforço para realçar, de forma clara, o teor peculiar da visão sociológica em face da concorrência, não raro perturbadora, das demais.

2. A obra satisfaz, portanto, à exigência fundamental a que um dicionário deve corresponder, qual seja, a de que tôdas as partes do sistema da ciência respectiva sejam devidamente tratadas. O exame crítico que se segue diz respeito: a) a omissões eventuais na seleção dos verbetes e b) ao critério da seleção.

a) É bem possível que não se tenha conseguido, sob todos os aspectos, uma realização completa, qualitativamente falando, e com certeza os organizadores, depois de encerrados os trabalhos, não terão deixado de sentir-se assediados por auto-censuras, lamentando terem deixado de lado termos significativos da linguagem sociológica. Em tal emergência, omissões desse tipo se apresentam aos responsáveis quase sempre como imperdoáveis. Cumpre lembrar aqui a palavra de ordem de Willamowitz-Moellendorff, segundo a qual o empenho de ser completo é a morte da ciência. A seleção abrange, indubitavelmente, o essencial. Não se pode exigir mais. Em parte, a escolha ou omissão de determinados termos depende do julgamento dos organizadores.

Contudo, parece-nos representar certa falha o fato de expressões como *marginal man*, *configuration*, *pattern*, *acculturation*, *Leitidee* (idéia diretriz) não terem merecido tratamento independente, aparecendo dispersos em outros contextos, falha que se torna ainda mais grave em vista da posição de destaque que esses termos ocupam na atual literatura sociológica.

b) No que diz respeito ao critério de seleção, seja permitida uma observação crítica. Em certos casos, alguns vocábulos foram objeto de comentários, embora não se possa reconhecer-lhes, por ora, direito à inclusão na linguagem geral e científica. Essa crítica diz respeito à aceitação de certas criações verbais de pensadores de originalidade um tanto arbitrária ou caprichosa, como H. L. Stoltenberg, que acreditam ser necessário criar uma nomenclatura particular ao lado da convencional, recorrendo a termos como "Leball", "Gar" ou "Tum".

A incorporação precipitada de tais produtos verbais no catedal da linguagem sociológica, mercê da atitude benevolente dos organizadores, talvez mereça crítica especial devido à tendência atual que facilita a destruição do corpo lingüístico tradicional pelo comportamento verbal, audaz e provocador, de certos indivíduos, principalmente em se tratando de uma publicação que visa, afinal de contas, a comentar a terminologia de emprêgo geral a todos os interessados.

3. Outra questão que forçosamente se levanta é a relativa ao modo pelo qual são feitos os comentários.

O imperativo mínimo se esgotaria na tarefa singela de familiarizar, com responsabilidade, o leitor, mormente o estudante e os que se dedicam ao trabalho social prático, com o significado geralmente aceito e tido como válido do termo em aprêço.

Pode-se admitir que tal alvo elementar foi atingido em quase todos os artigos, apesar das ponderáveis oscilações de nível entre êles e que o mecanismo da seqüência alfabética torna, por vêzes, chocantemente manifestas. De maneira geral, os comentários são bem estruturados, revelam riqueza material, e foram redigidos à base de amplo conhecimento da matéria. Sòmente uns poucos casos causam certa estranheza ao leitor, como, por exemplo, quando Bülow, no seu artigo sôbre "Sociologia", destaca Talcott Parsons como o porta-voz da importância do empirismo na pesquisa sociológica, em vez de acentuar, de preferência, que, como aluno de Max Weber, êsse cientista, é, nos Estados Unidos, o arauto da orientação apriorística.

Exceção a essa correspondência às pretensões mínimas é constituída pelas contribuições de Richard Thurnwald, que, deixando de enquadrar-se funcionalmente nos objetivos da publicação, representam más repetições de pensamentos extraídos de seu livro sôbre a sociedade humana, obra já histórica há muito tempo. Acresce que essas exposições só se tornam inteligíveis aos que conheçam aquêle livro bastante antiquado. Condescendendo com a colaboração dêsse patriarca emérito e venerável da pesquisa etnológica, os organizadores não lhe prestaram nenhum serviço, contribuindo apenas para enfraquecer, de modo acentuado, trechos importantes do Dicionário.

Qualidades que superam as exigências mínimas

Apenas uns poucos colaboradores, como, por exemplo, E. E. Hirsch, se limitam a imprimir ao que escrevem o caráter de informação impessoal, elucidando o sentido do termo sem penetrar na problemática mais profunda do tema e sem deixar entrever a multiplicidade das abordagens subjetivas possíveis. A maior parte dêles (e apenas para citar e não para fazer distinções quanto à qualidade das excelentes contribuições, lembro os nomes de Brehpohl, Beck, Bülow, Geiger, Heistermann, Kroh, Leschnitzer, Mierendorf, Mühlmann, Schwidetzky, Solms, Vaerting, Vierkandt, Weber) esforça-se por traçar, de forma mais concreta, as linhas que ligam sua matéria a outros objetos situados no âmbito da Sociologia, além de estabelecer relações com casos concretos. Ademais, procuram elaborar e destacar certas gradações nas formulações conceptuais em confronto com outras possibilidades. Nesses casos, acentua-se o coeficiente pessoal do cientista na abordagem de um problema como *seu* problema: abrem-se perspectivas colaterais de ordem histórica, psicológica e antropológica; aduzem-se opiniões que têm as suas raízes no espírito da época, discute-se a matéria destacando-a do plano de fundo; proporciona-se orientação de tipo especial e, com freqüência, sente-se o pêso de tôda uma vida de pesquisador a emprestar vigor e consistência a um comentário de pouca extensão. (Note-se, porém, que há verbetes que chegam a 14 páginas, como, por exemplo, o artigo "Schichtung").

O recurso inevitável do lexicógrafo de apresentar o material em seqüência alfabética produz uma constelação especial devida ao fato de se tratar de textos de alto valor, impregnados de diferenciações e de sensi-

bilidade pessoal. As partes do Dicionário não foram “afinadas”, quer quanto ao seu conteúdo, quer à sua concatenação lógica. Ao contrário, concepções em parte divergentes encontram-se lado a lado. O todo apresenta-se, assim, como uma ordem cujas várias peças, em virtude de sua disparidade, criam uma tensão singular. Fixando na mecânica da enumeração alfabética um acervo cognoscitivo muito vivo — embora não ainda ajustado em seus itens — o Dicionário exerce sobre o leitor um efeito particularmente sugestivo. Os *autores* dos comentários, ignorando cada qual a colaboração dos demais, redigiram suas exposições sem saberem em que âmbito de saber se situaria a sua contribuição. Os *leitores*, ao travarem conhecimento com os comentários elaborados em relativo isolamento, guiados pela ordem alfabética e apoiados num amplo sistema de referências, queiram ou não, sentem-se espicaçados por certa falta de uniformidade nos verbetes e vêem-se na contingência de elaborá-los em sua própria mente. O Dicionário, em que se acolheram não apenas informações sóbrias e impessoais, mas também o pensamento diferenciado e pessoal de 80 cientistas, converte-se, pela tensão que inevitavelmente cria, num provocador de fricções e estímulos para o pensamento científico produtivo. Por essa característica a obra ultrapassa a exigência mínima que se pode fazer a um dicionário. É um elemento positivo, muito embora lhe diminua a utilidade para o círculo numeroso de principiantes em Sociologia.

Alguns traços característicos do Dicionário

Quais são as novidades relativas ao pensamento sociológico alemão contemporâneo reveladas pela publicação? A esta pergunta se pode responder, de forma significativa, depois de destacados os traços comuns à Sociologia alemã atual e à antiga. O fato de, não obstante a concisão dos comentários, se esclarecer a terminologia especializada não apenas na forma de singela informação, mas também de um pensamento que penetra a própria problemática, apresenta a vantagem de permitir que se extraiam, com certa facilidade, elementos característicos da teoria sociológica alemã contemporânea. A pergunta se justifica não só pela reflexão geral de que em vista do conhecido dinamismo das coisas alemãs, o espaço de um quarto de século permite pressupor construções e criações novas, como ainda pela circunstância evidente de que o corpo dos que se dedicam à Sociologia mudou em boa parte. De fato, a transformação não atingiu apenas o grupo na sua constituição individual — hoje, ao que parece, invadido a tal ponto pelas novas gerações que somente uns poucos representantes da velha guarda nele se incluem (Vierkandt e Weber, por exemplo) — como também o clima espiritual que anima o círculo. Ao pensamento do grupo falta hoje o traço patriarcal: já não depende, de forma tão decisiva como antes, de algumas personalidades proeminentes, como Simmel, Steinmetz, Vierkandt, Wiese e os irmãos Weber. Os patriarcas, mesmo quando ainda vivos e atuando como colaboradores, já não são influências determinantes; mantêm a sua posição apenas por uma espécie de “liderança anônima”, decorrente da qualidade de suas realizações científicas. Surge como porta-voz um novo tipo de cientista, aliás já descrito por Max Weber: o integrante de uma equipe que pode ser substituído por outrem. Talvez estejamos enganado, mas quer nos parecer improvável que um único sequer dos modernos representantes da juventude venha irradiar aquela aura patriarcal que para nós, os mais velhos, emanava dos grandes vultos da década dos 20 e dos 30, como também nos parece pouco provável que um deles sequer, mesmo em suas divagações, ouse vislumbrar-se a si mesmo naquele papel de patriarca.

Uma coisa está fora de dúvida: os hodiernos representantes da especialidade são amplamente considerados por conteúdos e formas da Sociologia de há 25 anos, aceitando muitos de seus ensinamentos. A tradição cognoscitiva criada desde o início do século não se afigura impotente a ponto de não continuar atuando vigorosamente até os nossos dias. Principalmente o espírito das contribuições de Max Weber é palpável em quase tôdas as páginas. Também a maneira pela qual os atuais cientistas desenvolvem o pensamento permaneceu a mesma (maneira que, aliás, não caracteriza somente o pensamento sociológico): é o "princípio semântico" do pensamento germânico, que, numa certa aversão ao resultado rigorosamente acabado, se debruça sobre o movimento elementar do pensamento, preferindo o dinamismo do processo em si aos produtos dêle resultantes. Outro traço antigo é ainda certo "impulso noemático" (*Sinndrang*) do movimento científico: a Sociologia, afinal, só se afigura ao alemão como Sociologia na medida em que desemboca na Ontologia ou se envolve em problemas metafísicos. Poder-se-ia provavelmente descobrir ainda outros traços característicos comuns à nova e à antiga ciência.

Por outro lado, nos comentários do Dicionário surgem muitos fatores determinantes que faltavam ao pensamento sociológico de outrora. Acreditamos poder descobrir tais traços, em primeiro lugar, no processo de maturação imanente à ciência como tal, em segundo lugar, numa revitalização dos conhecimentos através da experiência vivida na época presente e, em terceiro, numa ampliação do horizonte teórico pela ruptura do encausamento etnocêntrico.

Em resumo, devemos destacar os seguintes pontos:

1. A nova Sociologia adquiriu, de forma mais clara do que no manual de Vierkandt, a consciência dos limites essenciais da validade de seu saber, bem como das possibilidades contidas dentro dêsses limites. Esclarecidos por muitas objeções da crítica (S. Landshut, Th. Litt, H. J. Liebert), os sociólogos atuais renunciaram a tôda espécie de sociologismo, a essa tendência do pensamento unilateral que tende a acentuar exclusivamente o condicionamento social dos conteúdos da consciência humana. A declaração expressa (p. 506) não é mera teoria: Amadurecido, o pensamento sociológico é hoje considerado uma das possibilidades do jôgo de perspectivas da ciência que, visando a realidade social, somente pode dar solidez a seus resultados pelo convite generoso a intenções cognoscitivas concorrentes (*História Social, Psicologia Social*), sem que com isto sinta diminuído o valor do próprio objeto formal.

Essa posição leva, de um lado, a apoiar a idéia de uma "Antropologia sintética". A Sociologia apreende-se a si mesma como ciência que, a seu modo, contribui para o conhecimento do ser humano. De outro lado, é esclarecida, com maior nitidez, a sua relação com a Filosofia. Como ciência, a Sociologia não é Filosofia: A atitude filosofante — legado e mal histórico — é eliminada em grande parte, enquanto, ao mesmo tempo, se mantém contacto produtivo com a Filosofia: a) pela consciência da necessidade de uma fundamentação filosófica do método e b) pela consciência da comunhão de interesses referentes à problemática material. Tanto a Sociologia como a Filosofia têm em mira o conhecimento da existência humana.

2. Os acontecimentos desencadeados a partir de 1933 revitalizaram, de forma extraordinária, o pensamento sociológico alemão. Se a Sociologia é a ciência do ser social no que diz respeito "às formas e mudanças da convivência", é fácil compreender que os acontecimentos da época, em certo sentido revolucionários, proporcionaram aos cientistas dessa especia-

lidade um ensino prático de uma proximidade imediata e, por vêzes, pouco cômoda. Não precisamos tomar em consideração a experiência pessoal de diversos sociólogos aos quais se negaram, durante doze anos, condições de vida para a sua ciência e, por conseguinte, para a sua própria existência. A visão de muitas situações da vida social foi enriquecida no tocante às categorias de pensamento. Demonstram-no numerosos artigos, como os sôbre lider, estratificação, opinião publica, família, burocracia e anti-semitismo. Parece também que se intensificou a consciência da responsabilidade dos sociólogos. Uma coisa é clara: Se em 1933 os conhecimentos tivessem atingido o nível de hoje, ou se, mesmo no estágio científico de então, quando a camada intelectual declinava, tivessem alcançado um círculo maior da elite politica, provavelmente o movimento catastrófico não se teria podido alastrar a tal ponto, porquanto uma das múltiplas condições indispensáveis à sua propagação foi, com certeza, a incapacidade de personalidades então dirigentes de compreenderem adequadamente os processos sociais.

Tal consciência — e isso é sugerido pelos comentários — desenvolve uma responsabilidade angustiada do pensamento para recuperar o que não aproveitou e para não obliterar, por negligência, a tarefa imposta pela atual situação concreta, qual seja, a de apreender o âmbito total dos conhecimentos; ao mesmo tempo, nota-se certa precaução na divulgação do conhecimento científico e no modo de expô-lo. Por vêzes se observa até um teor de apêlo.

3. O Dicionário revela que a Sociologia alemã aceitou em grande escala as formas de pensamento, método e técnicas da ciência americana. Revive, assim, padrão imanente ao espírito alemão (a vontade de vencer as fronteiras etnocêntricas do pensamento, o impulso à "Weltliteratur", à literatura universal, de Goethe).

De há muito se tinha considerado a atividade norte-americana neste setor (Max Weber), mas, em consequência de acentuada orientação apriorística tradicional oriunda da Filosofia, a Sociologia germânica não levou muito a sério a ciência transoceânica, particularmente no que diz respeito à sua tendência empirista ou à sua atitude pragmática. Essa ciência parecia sufocar-se em problemas particulares (alcoolismo, escravatura e negros, família). Cabe a Wilhelm Mühlmann, mormente em seu livro "Rassen- und Völkerkunde" (Braunschweig, 1936), o mérito pioneiro de ter libertado os alemães da dificuldade de compreender o pensamento norte-americano, tornando-o fecundo à própria ciência alemã.

Revelam os textos do Dicionário que a Sociologia alemã se apressa, por assim dizer, em assimilar as conquistas americanas, tendência manifesta, externamente, em primeiro lugar, na aceitação de considerável número de termos ingleses da Sociologia americana (*social action, adaptation, adjustment, control, interaction, socialization, social mobility, social status, stratification, cultural lag, etc.*) e, em segundo lugar, na extraordinária freqüência com que numerosos colaboradores citam autores americanos. A orientação e o conteúdo de muitos comentários mostram, porém, que a americanização do pensamento sociológico alemão não se deteve na aceitação de um vocabulário, mas que êsse pensamento está realmente impregnado de uma esquemática especificamente americana.

Dessa forma, liberta-se o pensamento alemão de certo comportamento provinciano que até há pouco o caracterizava. A Sociologia alemã tornou-se universal se por isso se entende o rompimento de barreiras etnocêntricas e a assimilação do modo de pensar dominante de outras nações.

Se “progresso” do conhecimento é ativação de possibilidades imanentes ao saber, o enriquecimento do pensamento pelos estímulos do mundo ambiente no seu assédio insistente, bem como a espontaneidade da apreensão de conhecimentos e inteleções até o momento não aproveitadas — então se pode caracterizar a transformação da Sociologia alemã pela atuação das novas determinantes como transformação em sentido progressivo.

Até que ponto, de resto, as características reveladas pela leitura do Dicionário exprimem a situação geral da Sociologia alemã no presente, é uma questão que só poderá ser respondida após a leitura de uma obra de exposição sistemática como o “Handbuch der Soziologie”, em vias de publicação pela mesma casa editôra.

E. A. von Buggenhagen

* * *

ILSE SCHWIDETZKY, *Grundzüge der Völkerbiologie*. 312 págs., com 55 ilustr. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1950. (Preço: broch. DM 17. —, encad. DM 19.60).

Esta obra, que acaba de ser traduzida para o espanhol, é acessível ao leitor latino-americano que não domina a língua alemã. Não é, porém, tal circunstância o motivo principal para comentá-la nesta revista. É pelo conteúdo e pela qualidade que o livro merece a atenção da crítica.

A autora considera a etno-biologia parte necessária de uma compreensiva ciência da vida em geral. Seu objeto material peculiar são as relações entre a estrutura hereditária do homem e o ambiente, definidas em termos de adaptação. “A totalidade dos processos etno-biológicos pode resumir-se, portanto, em um único conceito latente: a adaptação das comunidades de vida humana às condições do meio ambiente em que se situam” (p. 7).

A etno-biologia tem por objeto formal a exposição de conexões, capazes de serem expressas em leis e que atuam de forma determinante, entre a estrutura hereditária do homem e o respectivo ambiente. Para a autora, essa ciência tem de investigar principalmente três setores fundamentais:

1. o da biologia das migrações: De que forma atuam os fatos biológicos em relação com o espaço vital? Dêste ponto de vista abordam-se problemas tais como impulsos migratórios, mobilidade de povos, formas de peneiramento e seleção migratória.

2. o da biologia social: Quais os fatores biológicos responsáveis pelas mudanças na estrutura da sociedade; quais as reações, favoráveis ou desfavoráveis, sobre as disposições biológicas?

3. o da biologia da procriação, que investiga os aspectos biológicos da escolha de parceiro, do crescimento demográfico, da seleção natural na espécie humana, etc.

Os pontos de vista formais, em que pese o seu apriorismo, não decorrem de pura especulação, mas de observação cuidadosa em séries de vasto material empírico, tendo se revelado como os mais adequados à apreensão do objeto.

Longe de desdenhar o ceticismo em face do método da jovem ciência, a autora acentua a “falta de nitidez específica” condicionada pelo próprio objeto, isto é, pelos fenômenos de adaptação altamente complexos. É por isso que a etno-biologia, comparada a outras ciências naturais, obtém resultados exatos e seguros em grau muito menor. Pela própria natureza do objeto complexo — e não só pelo acervo ainda diminuto de conhecimentos